



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaivato

Quinzenário • 5 de Outubro de 2013 • Ano LXX • N.º 1815 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

O trabalho

TÃO caro é nos nossos dias! Muitos o procuram e, por vezes, para o encontrarem têm ir achá-lo longe da sua terra. Esta deslocação, só por si, é mais um trabalho. A vida do homem sobre a terra, é, de facto, cheia de trabalhos.

O que fazemos pode contribuir para crescermos como seres humanos. O trabalho é um meio precioso nesse sentido. Quando assim é, liberta, dá-nos autonomia, bem-estar, satisfação, paz. Há, no entanto, quem dele seja escravo e, por isso mesmo, embora dele colha muitos frutos, sente-se sempre insatisfeito, espalhando a desarmonia à sua volta.

Portanto, o trabalho feito para acumular riquezas, é um desperdício; aquele que tem em vista promover humanamente quem o realiza e os outros, é lucro.

Não atender ao sentido do dia de Domingo, quando o poderia fazer, não valorizar os compromissos familiares, não orientar a vida profissional de modo que o trabalho não seja um fim em si mesmo, mas um meio para alcançar outros fins, é desperdiçar o tempo gasto e o trabalho realizado.

Os nossos Rapazes mais novos, normalmente pensam que só trabalha quem faz uma actividade física que produz algum efeito. Mas não são só eles; também os governantes assim pensam, não valorizando tanto trabalho feito a bem das famílias e da sociedade, por pessoas que passam ignoradas.

Há muitas espécies de trabalho, próprio para a circunstância de cada um. No quadro familiar, os pais trabalham para a família, para eles e todos os seus. Deste trabalho resultam os frutos para o alimento e gastos de todos. Mas há um outro trabalho deles, igualmente importante, que é o de educar os filhos edificando a família. Estes trabalhos são, muitas vezes, mais custosos que aquele; e normalmente vão crescendo com o crescimento dos filhos — «filhos criados, trabalhos dobrados».

No trabalho de educar, muito mais do que dar é preciso dar-se. Quem se dá, dá a sua vida — a biológica e a espiritual. Mas só se dá quem tem razões de ordem espiritual para o fazer. O espírito é que conduz a matéria, «o espírito é que dá vida, a carne não serve para nada», como nos diz Jesus. Actualmente, o declínio da doação da vida em favor dos que a deveriam receber, é um sinal da materialização da vida do homem, centrado que anda na sua componente biológica e visível.

Por isso, muitos se comportam, hoje, como senhores da vida, em todos os domínios, sem dar ouvidos ao Outro, seu Criador, a Deus, que lhes podia dar a luz para reconhecerem a verdade da existência. Procedem como autores da vida, ao ponto de a negarem em si ou nos outros, cegos à sua origem e, por tal motivo, negando-se a si mesmos. Este voltar de costas a Deus e aos outros, de vez em quando disfarçado por conveniência, conduz o homem à solidão e à morte, situação que Caim exemplifica, tornando inúteis os seus trabalhos.

Seguir a proposta de Jesus Cristo, de amor a Deus e ao próximo, é o caminho para que os trabalhos da vida a tornem humana. Com duas pernas se caminha bem; por estas duas vertentes do trabalho, material e espiritual, se alcança a realização de uma vida humana. □



É de uma família de quatro pessoas: a mãe e seus filhos. Muitos anos com a água a entrar pela placa nua para o interior da casa. Agora, com o telhado novo, todos sentirão o aconchego no seu lar.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

CONHECER uma família degradada e pôr a sua vida sobre os próprios ombros, é um dos caminhos mais difíceis, mas também mais frutuoso e seguros para atingir alguma santidade.

Sabemos, por experiência e por fé, que tudo é graça de Deus. Tanto a capacidade para uma ousadia natural e sobrenatural, como o encontro de uma família disposta a sair da sua miserável situação.

É muito belo contemplar acções destas, decorridas na intimidade evangélica onde só Deus entra e o indigno ministro que ele escolhe.

É uma lutadora mãe de família a quem a crise bateu à porta em cheio e levou os seus haveres, por um lado; e por outro, não se deixou vencer, se os negócios não

davam de uma maneira, experimentava outra.

Vêm as dívidas, os credores batem à porta, os bancos arrancam os bens, mas os filhos têm de estudar e progredir, e o marido de ser amparado e protegido.

Não ela, mas alguém que teve disso conhecimento, me contou, há poucas semanas, que lhe cortaram a luz da casa. Ela fez brasas no jardim e foi confeccionando de várias maneiras, massa com atum, durante uma semana, para alimento dos seus! Mesmo assim, ainda arranja tempo para uma família que pôs às costas, com quem convive, dá trabalho e ensina a rezar.

Ela só me trouxe a senhora para que a confessasse! Quem me dera que os pobres se viessem confessar na presença de Deus! Quem

me dera! A minha vida seria mais tranquila, pois veria os problemas como eles são, sem desconfianças nem temores.

A pobre vinha para se confessar, mas a sua protectora, com a cruz dela bem segura nas suas mãos e bem agarrada ao seu coração, foi-me desfiando aquela tragédia de vida. Era uma mulher filha de outra, com nove filhos e muitos pais. Fora criada na rua e na lama que esta sempre oferece abundantemente.

Juntara-se com um homem bêbado que sempre a maltratava ao longo da vida — lhe tirava todo o dinheiro, lhe batia e a espezinhava, transformando-a num farapo de pele e osso, coroadado, ainda por cima, com fama bem espalhada e falsa de que ela se prostituía com um velho.

Magrinha, anémica, tamanho normal, pesava 43 kg.

Continua na página 2

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Telhas de vidro

A crise económica e social, que se instalou em 2008 e acentuou nos últimos dois anos, tem alguns reversos. De facto, conduziu a um certo regresso à terra, mais qualificado. Assim, note-se que, no primeiro semestre de 2013, foram criadas cerca de um milhão de novas empresas, neste sector; embora, nos campos, haja falta de mão de obra nacional... Este acréscimo é benéfico para a diminuição da nossa dependência alimentar.

Os dons da Criação são sinais da bondade divina. As misérias humanas devem ser vencidas. É incontornável e remota a cultura

da vinha, nomeadamente nos países mediterrânicos, como Portugal. De uma riqueza da natureza com labor humano, excepcionalmente valorizada por Jesus de Nazaré, ao seu abuso (em especial, de derivados ou falsificados) vai um salto no escuro, para um grave perigo de saúde humana, com consequências destrutivas. É um problema tão antigo nas sociedades que, actualmente, vai disseminando outros contornos, pois dissemina-se uma gama imensa de bebidas alcoólicas, algumas delas muito prejudiciais. Das *sopas de cavalo cansado*, doutros tempos de pobreza, chegou-se aos *copos da crise*.

Há gente nova que vai bebendo mais agressivamente. Na ver-

dade, um problema crescente que tem sido alertado, com seriedade, e agora focalizamos é, pois, o consumo (abuso) de álcool pelos adolescentes e jovens portugueses. Estão a beber mais cedo e mais depressa e em maior quantidade. O aumento deste drama humano e social é confirmado pelas intoxicações alcoólicas agudas, entradas nas urgências pediátricas de Lisboa, Porto e Coimbra.

Entre a camada jovem, há uma tendência para *binge drinking*, isto é, o consumo intensivo e concentrado de álcool em curtos espaços de tempo (v.g. 2h). De facto, o álcool vai-se notando como uma substância psico-activa muito

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA



CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A INDIFERENÇA — O tema desta crónica veio-nos não só de coisas que acontecem muitas vezes na nossa e noutras Conferências, mas, também, de rondas que vamos fazendo por este País fora vendo, ouvindo e falando com quem anda no trabalho de acção social. O tema é o da indiferença de muitas pessoas relativamente ao contributo que devem dar para este trabalho e em relação a quem ele se destina.

Diz-se, muitas vezes, e com alguma ponta de razão, que os Portugueses são solidários, o que parece contradizer o que atrás ficou dito. Sim e não. É verdade que os Portugueses se mobilizam para campanhas de solidariedade (ex. Banco Alimentar, etc.) e que, nisto de campanhas, às vezes são mais engenhosos do que outros povos. O problema é que, sem prejuízo do mérito destas campanhas, o trabalho de acção social não pode viver só disso. Ele precisa de um comprometimento continuado e organizado. Não pode ser coisa só de um dia. Não pode ser coisa que se faça de forma isolada e sem ser em equipa. Por alguma razão, Jesus convocou os seus apóstolos exigindo-lhes que deixassem para trás o que tinham e, depois, não os enviou a pregar de forma individual, mas dois a dois.

Este sentido do compromisso e do trabalho em equipa é coisa onde os Portugueses não são fortes. Somos muito de impulsos e de trabalhar cada um para seu lado, não só nisto do social mas, também, em muitas outras coisas. Por isso, muitas vezes quem anda no trabalho social acaba, na prática, por se defrontar com a indiferença, tirando esses dias de “campanhas de solidariedade”. Outras alturas em que essa indiferença se interrompe, mas mal, é quando as pessoas resolvem dizer mal de quem anda no trabalho social e das pessoas que são ajudadas. A crítica é sempre precisa, mas convém que quem critica o faça com conhecimento de causa.

Ainda outra maneira de romper mal esse muro da indiferença é por parte daqueles que descobriram no social um “nicho de mercado” e uma oportunidade para andarem a correr atrás da sua fama e do seu proveito. O trabalho de acção social não precisa deste tipo de gente. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

O ideal desta samaritana, que a acompanhava e me transmitia as dores, era arranjar-lhe uma casa e mobília, descobrir-lhe trabalho e libertá-la daquela hedionda e indescritível escravidão.

— Pronto! — disse. — *Tem aqui um cheque. É para a caução e dois meses. Vê se arranja a casinha.*

Passados oito dias telefona-me: — *Padre, eu nunca pensei. Mesmo com o dinheiro adiantado, na mão, ninguém lhe arrenda a casa. Isto é gente com muito má fama.*

Que dores, Meu Deus! Pobres, marginalizados e espezinados por todos. Eu já sabia das dificuldades que os pobres têm em arranjar casa. Sim, eu sei por experiência dura e prolongada, mas ainda não contava que outros esbarrassem com o mesmo emperro, sobretudo numa vila onde a pobreza extrema não afoga.

— *Por aqui ninguém aluga casa a gente com esta fama.*

— *Oh, mulher!... Tu vai ao prior, ele que pregue na igreja a misericórdia. A marginalização social do laicismo não pode ser regra para ninguém, muito menos para os cristãos. Estes perdoam, estes esperam, estes amam. É com estas luzes acesas, no meio de tantas contrariedades, que se há-de ver o Reino de Deus!...*

Quem dera que assim fosse... Mas onde é que se ama mais a Deus que ao dinheiro? Onde?!

Constatar a vida amarga dos pobres é aprender a detestar os pecados que os arrastaram a este estado humano e social — onde todos aprendemos a fugir desses trilhos! É chorar as nossas misérias!

Quisera, como um louco, proclamar a verdade do Evangelho, também escrita no rosto destes miseráveis, e denunciar a encoberta e adormecida instalação de tanta gente madura e o caminho errado da juventude presente.

Quisera, ainda, desmascarar uma religião de falsos deuses e de um Cristo que tanto tem de doçura como de exigência, Manso e Humilde, sobretudo com os mais caídos, desprezados e detestados de hoje!

Amar a estes, conhecer a fundura do seu infortúnio, sofrer com eles tantas carências e assumir o seu estado como o caminho de santidade verdadeira. □

VINDIMA — Já passou a nossa etapa da vindima. As uvas este ano têm um doce especial, e cachos bonitos. Uns tempos antes do amadurecimento da uva andámos a limpar a vinha para facilitar a apanha das mesmas. O processo da nossa vindima começa por apanhar as nossas uvas, retirar as podres e as secas, e de seguida, as boas, seguem no atrelado do tractor para a adegas da Aveleda.

ESTUDOS — Temos mais um rapaz no ensino superior, é o Zé Reis. Foi para Mirandela iniciar um curso de Tecnologias informáticas. Também na nossa Casa, devido ao início do ano lectivo, começou a hora de estudo, que é das nove às dez horas da noite. Depois, temos meia hora de lazer, antes do deitar.

Bruno Alexandre

DE UM NETO DA OBRA EM SETÚBAL — *«Olá, eu sou o Renato, tenho oito anos, gosto muito desta Casa e dos meninos, sabem rezar muito bem. São muito bem-educados, gosto muito do ambiente desta Casa, é muito gira e sinto-me muito bem aqui com os outros meninos. Gosto de ajudar eles a lavar a loiça, pôr a mesa e fazer as outras tarefas. Vim a esta Casa onde o meu pai foi criado aqui com muito gosto. Aqui os meninos aprendem muitas coisas giras, engraçadas e diferentes, brincam todos muito uns com os outros. Comem muito bem aqui, e o comer é muito bem feito. Sentem-se muito bem à mesa, rezam e têm con-*

versas muito giras e interessantes. Estão muito sossegados a ver televisão e entretidos. Gostei muito de ter vindo passar cá três dias. Foi muito bom o meu pai ter sido Gaiato, ele é o Hugo, cá em Casa é o «Begas». Sei que quem criou a Casa do Gaiato foi um Senhor Padre, que se chamava Padre Américo. Obrigado Casa do Gaiato.»

DESPORTO — Devagar, devagariño, para não dizer, ao pé-coxinho; cá andamos às voltas com os nossos treinos, à procura da equipa ideal para esta época. Não está a ser fácil, mas se Deus quiser, havemos de encontrar. Não faltam rapazes. Se não jogar o “A”, joga o “B”. O que é preciso, é boa vontade e ter gosto em representar a nossa Casa, a nossa Obra, a nossa Família que, tanto se apregoa e na hora da verdade, há sempre aqueles que só olham, mas é para o seu umbigo. Estamos a atravessar um período menos bom. Quando digo menos bom..., estou a referir-me à má adaptação dos mais novos em se entrosar com alguns dos mais velhos. No entanto, estou convencido que com a ajuda desta meia-dúzia dos mais crescidos, vamos conseguir inserir no meio deles, 4 ou 5 dos mais novos. Ganhar ou perder, tudo é desporto, o que nós não podemos nem devemos, é deixar de ter gosto e vontade de dizer ao mundo quem somos, o que queremos e porque é que existe o nosso Grupo Desportivo.

Muito francamente, não gosto muito de dizer «antigamente é que era», mas, nas horas de mais... digo baixinho só para mim, com vontade de dizer bem alto: realmente!...

Alberto («Resende»)

MOÇAMBIQUE

Félix Luís

Depois de 10 anos de rua volta a Casa o Casimiro Jorge, foi uma grande alegria para todos nós, pois, sempre que íamos à cidade e o encontrávamos, ficávamos tristes por sentir que o tipo de vida que levava não era digno de um ser humano. Hoje está connosco, apesar de ter agora 26 anos. Tem sido uma grande ajuda, pois gosta muito dos animais e tem jeito para vigilância contínua onde eles estão.

Graças a Deus, depois de quase dois anos de espera chegou um contentor. Traz roupa, calçado, material escolar e diversos provenientes da Casa do Gaiato de Setúbal e dos nossos Amigos, da Família Domingues da Costa que desde a fundação da Aldeia, em Ndividuane, a mantém com uma ajuda mensal de cinco mil euros. O nosso muito obrigado pela partilha, pois estamos cientes que neste momento em que Portugal vive também precisa de muita ajuda.

Kanimambo.

O tempo está a mudar constantemente, há dias de 40° e, de repente, outros de 12. Nem sempre estamos preparados para as mudanças e os mais sensíveis vão logo abaixo. O mano Carlos e o Américo tiveram que ficar 3 semanas no Hospital Central. Que difícil ter de acompanhá-los à distância, pois as condições e a sensibilidade do pessoal da saúde deixam-nos duvidosos, se não será melhor cuidar deles em Casa.

Nestas últimas semanas tivemos uma grande aflição com a falta de água. Queimaram todas as bombas. Foi preciso pedir uma avaliação técnica para ver se o problema era das bombas, da energia ou da falta de água nos furos. Ainda não temos o parecer final mas parece-nos que, para além das oscilações da corrente, há mesmo falta de água nos poços e as chuvas demoram.

A semana passada tivemos a visita da Tia Fátima da Aparf, ela é enfermeira e está a fazer um voluntariado

no Norte do País. Nos dias que esteve connosco, aproveitámos muito da sua experiência no nosso Posto Médico e ficámos contentes em sentir o carinho com que ela está a viver os desafios do trabalho no Norte. Parabéns Tia Fátima e o agradecimento aos amigos da Aparf, que também nos têm acudido em nossas aflições.

É triste ver o nosso campo limpo e quase sem nada. As instalações para pequenos animais quase vazias, a vacaria como armazém de feno para vender; enfim, não há água que está a 5km na Barragem dos Pequenos Libombos. Quem sabe um dia Deus há-de bater à porta de alguma alma generosa para nos trazer o alento de ver os nossos campos cultivados e todo espaço aproveitado. Vamos manter a nossa esperança. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Setembro, 33.300 exemplares

Na secção central das águas, têm de ser substituídas as tubagens, para que se instale energia solar, quando for possível. Vários azulejos brancos das casas de banho da casa nova e do edifício do lar caíram; e, por isso, têm de ser recolocados.

ESCOLAS — O ano lectivo 2013/14 começou a 13 (1.º e 5.º anos) e 16 de Setembro para os Rapazes do pré-escolar até ao 3.º ciclo. Conseguir organizar livros e material escolar para a malta toda foi uma tarefa indispensável e dispendiosa. É preciso que os Rapazes não os estraguem e usem bem. Os horários e regras escolares e do estudo são para cumprir. Para todos os estudantes um bom ano lectivo!

DESPORTO — Recomeçou a nossa actividade desportiva, de forma simples, com um encontro e treino, a 21 de Setembro, sábado, de tarde, com o nosso orientador, Sr. João Aurélio. A prática do desporto, com regras, faz bem à saúde! □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — As espigas de milho-grão ainda estão a amadurecer nos campos (vessada e terra nova). O pomar foi fresado. Compraram-se, a 23 de Setembro, cerca de um milhar de pés de couve (troncha), em Eira Pedrinha (Condeixa), para plantar na nossa horta. Apanhámos e comemos figos das nossas figueiras. Deram-nos um borrego. Teve de se comprar uma capinadeira, que vai dar jeito para limpar as ervas daninhas dos olivais. A rede dos gansos vai ter de ser substituída.

BENS ALIMENTARES — Vai havendo amigos e amigas que se lembram das necessidades desta Família e outros pobres ajudados, partilhando connosco discretamente, como o *senhor da fruta*, de Lamas, um casal de Coimbra, entre outras pessoas, que nos chegam com a sua amizade. Bem-hajam!

ARRANJOS — Como os mosaicos e o fogão da sala de televisão se têm estragado, precisam de ser arrançados.

PENSAMENTO

Pai Américo

Pois saiba o mundo que todo aquele mortal que por amor de Deus deixar a barca e as redes para seguir Jesus, é, por isso mesmo, um homem naturalmente disposto a fazer milagres. E fazem-nos.

in Doutrina, 2.º Vol.

VINDE VER!

Padre Quim

Não tenhais medo

FOI à saída de um encontro à beira-mar que nos encontramos com um quadro cheio de pinceladas motivacionais, para assentar os pés com firmeza no solo que calcávamos. Na areia vejo pegadas no sentido inverso da marcha! Homens valentes de outrora e de hoje cruzaram os mares e demarcaram as suas margens. Tantos factos registados nas páginas da história, marcados pelo temor de enfrentar a aventura de ser conduzido por águas turvas e misteriosas, veladas ao sopro do vento. Foi à beira-mar que Jesus encontrou os primeiros discípulos trabalhando, pois eram pescadores. O Evangelho confirma! E quando estes arautos da Boa Nova, metidos mar a dentro, antes de enfrentarem os lobos nas sombras das florestas, sentiram a barca a trepidar pela tempestade que se impunha, gritaram por socorro Àquele que tem poder sobre o vento e a chuva — e determina a bonança, a seu tempo.

Foi com o grupo de chefes — que está a ser fortalecido com a entrada de novos rapazes, para assumirem as responsabilidades de acompanhamento na condução da vida da nossa Casa, em diversos aspectos, e no serviço aos seus irmãos mais novos — que no Domingo, a seguir à Santa Missa (em que o Evangelho fazia ressoar estas palavras: *não podeis servir a Deus e ao dinheiro*), que fomos para a praia de Santo António, debaixo da frescura da espinheira que cresce, ao cuidado da brisa do mar, para concertar, animar, corrigir e instruir, sobre a missão do chefe no seio

da família. Regressamos de lá animados para servir. A coragem e a autenticidade de querer ser superam as barreiras que se encontram no caminho da realização de qualquer ideal. Tudo podemos n'Àquele que nos dá força.

Fomos obrigados a apanhar o milho das pipocas antes de secar, houve respeito por parte de todos, até à chegada dos bandos de pássaros que começaram a chilrear sobre as palmeiras imperiais e de lá para o milheiral a festa era de pipocas frescas. «O primeiro milho é para os pardais». A experiência fez-me estar de acordo com o adágio. Não podemos andar à pedrada contra a natureza, é proibido na nossa Casa. O equilíbrio reside na justiça. As aves do céu completam a beleza à nossa volta. Os rapazes estão a preparar a terra para a nova sementeira. O gosto por trabalhar no campo dá alegria de saborear os frutos do nosso trabalho.

Continuamos vigilantes quanto aos nossos terrenos, a falta de um muro à sua volta tem sido motivo para os vizinhos alterarem as suas dimensões. O sistema de vedação é fraco e quando menos esperamos vemos mais uma e outra e outra parede a subir. A falta de honestidade e de carácter são as causas de muitos conflitos sociais. O respeito pela propriedade alheia é violado constantemente, num País em que a corrupção comanda a altos níveis, concedendo títulos de propriedade a uns poucos, tirando a muitos outros. E quando vejo pela televisão estádios de futebol construídos, prédios levantados e os pobres na outra margem da Nação a lutar por um tecto, sinto-me arrepiado pela sociedade que cresce todos os dias, mas que continua como uma casa sem telhado. «É o medo que guarda o pomar», a justiça social se constrói triunfando sobre o medo da verdade. Concluindo apraz-me parafrasear o Papa Francisco: *só o amor nos salvará*. □

CONSELHOS E ADVERTÊNCIAS

Padre João

HÁ muito que tomei como lema do meu labor pastoral e sacerdotal um pequeno texto de Santo Agostinho do seu Sermão aos Pastores — padres e bispos — do século quinto. Actualíssimos que continuam esses conselhos-advertências... É o coração de um Pai que sangra, a alma de um pastor apaixonado pelo seu rebanho.

Com a eleição do Papa Francisco, tais tornaram-se ainda mais pertinentes e pragmáticos de um estilo de vida sacerdotal; uma regra de vida — bússola na imensa seara que é o mundo. Aparecem eles, de forma sugestiva, por estes dias, na *Liturgia das Horas* da XXV semana do Tempo Comum.

O santo Bispo, comentando o profeta Ezequiel, traça o perfil do verdadeiro e autêntico pastor do Povo do Senhor, denunciando, ao mesmo tempo, a perversão de alguns desses pastores: «Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos. Não deviam os pastores apascentar o seu rebanho? Vós, porém, bebeis o leite, vestis-vos com a lã, matais as ovelhas

mais gordas, mas não apascentais o rebanho». E, num remate inflamado de zelo pastoral, ajunta: «hei-de procurar a que anda perdida e reconduzir a que anda tresmalhada. Tratarei a que estiver ferida e darei vigor à que anda enfraquecida e velarei pela gorda e vigorosa. Hei-de apascentar com justiça».

O pontificado do Papa Francisco tem “glosado”, de forma tão excelente, em palavras e atitudes, este tema tão caro a Santo Agostinho. A sociedade actual é extremamente sensível a este tom discursivo ao ponto do Papa Francisco afirmar que: «a Igreja está a viver um tempo maravilhoso».

A “teimosia” pastoral de santo Agostinho é, de facto, construtiva e interpelante. Convida à desinstalação e a percorrer caminhos novos, animados pela força do Espírito: «Há ovelhas que são rebeldes e (...) respondem-nos: Que quereis de nós? Porque nos procurais? E não compreendem que a razão por que os procuramos e queremos salvar é precisamente o facto de andarem errantes e perdidos. O santo Bispo

de Hipona continua com ardor pastoral: «Queres andar assim errante, queres andar assim perdido? Mas com mais força ainda, não o quero eu. Digo-te claramente: quero ser importuno (...) Tu queres errar, tu queres perder-te mas não o quero eu. Não o quer principalmente aquele que me faz tremer».

E traçando de forma pragmática uma espécie de itinerário pastoral e vocacional, S. Agostinho conclui: «Hei-de reconduzir quem se extravia, hei-de procurar quem anda perdido. Quer queiras, quer não, é isso o que farei». E num grito de alma, assim adverte o grande Doutor da Igreja: «E ainda que ao procurar-te, os espinhos das silvas me rasguem a pele, passarei pelas veredas mais estreitas, saltarei todas as sebes, correrei por toda a parte enquanto me der forças o Senhor que me faz tremer. Hei-de reconduzir quem se extravia, hei-de procurar quem anda perdido. Se não queres que eu sofra, não te extravies, não andes perdido». Tão interpelante e mobilizador; tão ao jeito do Papa Francisco! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

consumida pelos adolescentes e mais precocemente. Os *putos* preferem bebidas com alto teor alcoólico, como os *shots*, para que a euforia seja mais rápida, ficando cambaleantes, com alterações de consciência. Com este fenómeno perturbador, vão-se tornando cada vez mais dependentes, física e psicologicamente, causando sofrimentos nos próprios e nos próximos. Chega-se cedo, assim, ao *síndrome da dependência do álcool*.

Nos riscos de doenças associadas ou potenciadas pelo alcoolismo e outras drogas, está também o suicídio. A depressão e a solidão podem levar ao desespero. Nos Estados Unidos da América, há um caso em cada 15 minutos. O ser humano não

nasce para morrer, mas para viver!

Os dados estatísticos recentes, sobre o abuso de álcool nos jovens, são mesmo alarmantes, em especial na faixa etária entre os 15 e 16 anos. Entre os estudantes universitários pode mesmo falar-se de uma certa *epidemia* de consumo nocivo de bebidas alcoólicas. O que se passa em certos bares e discotecas, e acentuado ao fim da noite, é deprimente.

Numa caminhada, por aflições de pobres, tivemos de parar duas vezes em estações. Já agora, porque é que foram menosprezadas certas linhas férreas, no interior?... Naquelas situações, dois sinais nos espicaçaram e redobram a atenção: numa delas, um aparato policial; e, noutra, uma corrida juvenil e galopante a bebidas alcoólicas. O

risco e a tensão destes jogos de tantos milhões, perdidos, não anestesiam frustrações, mas são ilusões. Os contratos envolvidos são atentados à justiça social.

Quando e quem escuta os especialistas e curadores dos efeitos nefastos do consumo do álcool, para que se tomem outras medidas e mais adequadas à dimensão e especificidade deste problema de saúde e mal social? As Unidades de Alcoologia e os Alcoólicos Anónimos, que cuidam corajosamente destes doentes, cada vez mais novos, são benfazejas e merecem todo o apoio.

A juntar à redução drástica da natalidade, vamos deixar uma parte da geração jovem depauperar-se assim? Porque continua nos 16 anos a idade mínima legal para

SETÚBAL

Padre Acílio

Visitas

QUE ninguém me leve a mal de repisar o mesmo tema. Este fim-de-semana voltou a encher-se de visitas, não de gente de fora, mas dos nossos, daqueles que criámos e agora nos enchem a alma.

No sábado, veio jantar o Paizinho com a Sónia, sua esposa, e a Alice, rebento de um ano. Uma delícia de criança. O pai é amulatado, mas a filha é branquinha. Saltou de colo em colo e consolou todos os Rapazes à mesa.

No Domingo, a romaria alargou-se. Os Rapazes sabem que a hora da nossa Missa raramente se altera e, pelas nove e meia da manhã, já a Capela os acolhe no seu ambiente sublime.

Estavam o Barroso, o Gilberto e o *Ceguinho* com a sua mulher. Os primeiros vinham dar contas de um curso de inglês que lhes paguei e traziam, cada um, os respectivos resultados e... matar saudades.

— *Queremos ver a quinta, a horta e os pomares.*

Nesta altura do ano o nosso campo é um manancial de apetitosos bens: uvas, figos, maçãs e marmelos. As tângeras já se comem, mas não evidenciam ainda a sua doçura.

A grande atracção e o espectáculo mais encantador que a todos cativa, são as porcas parideiras com os seus engraçadíssimos bácoros.

Depois é a bola!

Estava uma manhã quente e o sol era escaldante, mas eles jogam no pavilhão coberto por cima e rodeado somente com rede nos lados, deixando passar a aragem, rodeado de novos pinheiros mansos, sobreiros e oliveiras. Um apetitoso ambiente para desporto.

A mulher do *Ceguinho* é adventista. «*Olhe que todos os dias meditamos juntos a Palavra de Deus e rezamos antes e depois da refeição*».

Deus une-nos mais que as próprias estruturas e a Palavra Divina é sempre viva e eficaz. Lida e meditada, muitas vezes, é como a chuva miudinha que parece não regar, mas fecunda a terra. Não volta atrás, sem produzir o seu fruto, confirmado por si própria.

Alegra-me este ecumenismo natural que não afasta as pessoas, mas as une até em matrimónio. «*Rezamos todos os dias*».

Quantos católicos poderão dizer o mesmo? Muitos? Sim, talvez. Todos?! Sabemos que não. Quantos se contentam com rotineirismo de ouvir Missa inteira aos domingos? Quantas vezes e quantas pessoas frequentam o culto divino católico sem conhecimento do ministério que os devia estimular para uma vivência religiosa séria?

A esposa do *Ceguinho* parece ser uma mulher determinada. Trabalha, em Londres, num restaurante japonês.

— *Então assam lá bem os ratos?*

— *A comida japonesa é muito boa.*

O *Ceguinho* dirige um grande restaurante no aeroporto londrino. Ser chefe, em Casa, desperta-lhes a capacidade de liderança e, na vida futura, dá-lhes facilidades e mais proventos.

Já arranhou trabalho para outros gaiatos em Inglaterra. Nestas crises pesadas, quanto não vale sermos uma *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes?! Mesmo lá fora, eles dão com alegria e gozo a mão a outros colegas em dificuldades.*

Como devo dar graças a Deus!

O Gilberto mais o irmão Ricardo pretendem subir outro degrau no seu curso de inglês. Ambos trabalham no nosso País numa multinacional de raiz canadiana que, em regra, despede os trabalhadores logo que eles atingem o tempo que obriga a um contrato definitivo.

— *Queremos ver se conseguimos ficar na nossa terra e, se formos para o estrangeiro, ficar na mesma firma.*

Normalmente ajudo sempre os Rapazes nas suas promoções. É um estilo de família. Eles são nossos e nós somos deles. □

o consumo de vinho e cerveja? Pagnar por uma nova regulamentação comercial (idades, preços, bares, etc.), rever a publicidade (até no desporto...), educar frontalmente os filhos e filhas nas famílias e nas escolas para os graves perigos dessa dependência, entre outras, são medidas possíveis e de sobrevivência para o bem estar da população. É uma tarefa inacabada e hercúlea de educação pessoal e social.

Os discípulos de Jesus devem conhecê-lo verdadeiramente, também como Homem verdadeiro. Ele entrou na humanidade e não podia tocar totalmente na vida humana se não comungasse, e notoriamente à mesa, com todas as pessoas para as libertar das doenças, do pecado, e de mentalidades farisaicas e desviadas do sentido salvífico. Por isso, o Filho do Homem (que bebia com moderação!) identificou-se com os mais pobres e assim foi acusado,

injustamente: *é um ébrio, amigo de publicanos e pecadores*.

O lugar complementar na alimentação, e extremamente simbólico do vinho, não pode dar azo a hábitos nocivos à saúde humana, e em especial dos mais jovens. Onde não há telhas de vidro?

A beleza extraordinária dos vinhedos, com cachos reluzentes ao Sol, e a alegria transbordante das vindimas, de que resultam néctares de qualidade, contrastam fortemente com as bebidas brancas e prejudiciais. Os amigos do Senhor beberam todos de um único cálice, da Nova Aliança, fruto excelente da videira e do trabalho humano. Na alegria daquele derradeiro encontro, Jesus anunciou a Sua paixão e mandatou-os (nos) à compaixão. O Sangue que jorrou do sacrifício da Cruz, por nós, e se faz memória na Eucaristia, dá-nos a todos a vida verdadeira, liberta da morte e do pecado, num abraço forte de perdão! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Amor partilhado

CADA um recolhe o que tiver semeado. Quem semeia o amor verdadeiro, a generosidade e a partilha, recolhe a paz e a alegria na profundidade do seu ser humano. É o coração que fica enriquecido, mesmo na convivência com a dor e o sofrimento, como acontece, muitas vezes. Estou a escrever com o coração levantado pela mão libertadora dum amigo empresário. Semeou, no campo da vida da Casa do Gaiato de Benguela, o amor e a generosidade do seu coração. A palavra animadora para que o desânimo não entre, como um ladrão, na entrega da nossa vida ao serviço destes filhos abandonados, acompanhou o seu donativo generoso. Foi a resposta do sr. Fernando Oliveira ao momento aflitivo financeiro em que vive a nossa Casa do Gaiato de Benguela. É uma injeção de amor gerador de confiança que vem alimentar a nossa esperança. Quem dera a cultura da solidariedade estivesse implantada nos pequenos e grandes centros produtivos! Assim como na vida de cada um de nós!

Há duas vezes contraditórias que se fazem ouvir no silêncio dos nossos corações. Uma diz-nos: Partilha os teus bens, ajuda os irmãos, dentro das tuas possibilidades. A outra, ao contrário, repete: Pensa nos teus interesses, estuda a maneira de ganhar mais para acumular dinheiro, guarda tudo para ti e não dês nada a quem precisa. Qual é a nossa resposta? Quem dera seja a do amor

e a da generosidade! Está aqui o segredo dum mundo novo, verdadeira obra de cada um de nós. A Obra da Rua com as suas Casas do Gaiato e os outros ramos são o testemunho inequívoco da fecundidade do amor partilhado dos seus benfeitores. Não tem outra fonte segura da vida para a sua sobrevivência. Por isso, nesta fase muito difícil da nossa querida Casa do Gaiato de Benguela lançamos o apelo a todos os corações para que cheguem até nós. Confio no vosso amor que reflete o amor de Deus, pois a Obra da Rua é d'Ele, como muito bem dizia Pai Américo.

Ajudar cada rapaz a ser um homem é a essência do projecto educativo da Casa do Gaiato. Encontramos oportunidades nos gestos ordinários do dia-a-dia. Ao sair da oficina de carpintaria, dei conta dum grupo dos mais pequeninos a correr ao meu encontro. Queriam dar-me um abraço e um beijo. A única razão é sentirem-se filhos. Desde uma idade muito tenra vão experimentando o carinho e a ternura que ajudarão a criar neles a confiança e a segurança que garantem o equilíbrio dum homem adulto. Infelizmente, como acontece na generalidade dos lares naturais, o crescimento tem, muitas vezes, falhas perturbadoras e inquietantes que afligem o coração dos educadores. A influência do meio social externo, muito degradado, é um factor determinante deste facto triste. Somos a Porta Aberta. O bem e o mal entram.

Por isso, com muita dor o afirmo, algum não aproveita, na idade em que já é responsável, o bem que a Casa do Gaiato lhe oferece por amor. Tem, pois, que ir-se embora para dar lugar a outro que está à espera. São momentos dolorosos da nossa vida. Muitos pais, que passam por estes problemas, batem à nossa porta na esperança de podermos acolher os seus filhos. Não podemos. A Casa do Gaiato quer ser a Casa de Família dos filhos sem família. E são multidão, neste momento, à espera da hora da entrada. Ainda não é possível. Não resistimos, porém, ao pedido dum garoto que veio de Luanda, sem documentação. Depois de andar perdido pelas ruas das cidades do Lobito e Benguela, apresentou-se na nossa Casa do Gaiato dizendo que era a sua Casa. E ficou. As excepções acontecem. Nem as autoridades competentes puderam resolver o problema deste filho. Está na nossa Casa do Gaiato de Benguela muito feliz.

Continuamos à espera da ajuda para a recuperação dalgumas habitações. Não temos o mínimo de capacidade. Batemos a várias portas que podem, por certo, dar o seu apoio. Mas, até este momento, a esperança tem sido em vão. Não queremos, contudo, desanimar. Batemos também à porta do vosso coração. Quem dera não procure cada um acumular muito ou pouco dinheiro para si mesmo, mas para fazer muitos amigos e irmãos, entre as pessoas mais pobres e necessitadas de ajuda. A nossa Casa do Gaiato está lá também! Um beijo para todos vós dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela! □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

EM Moçambique, terra mágica, como hão-de acontecer ainda mais magias? Para nós, o inconcebível acontece. Não só na linha da Fé, a que já estamos habituados, doutro modo há muito teríamos sucumbido, senão mesmo desaparecido.

Apareceu-nos um grupo de cidadãos que rodeia uma figura importante de *marketing* das melhores marcas de Espanha. Chegaram e partiram sem que tivesse contactado com eles. Aliás, dei conta quando ia para atravessar a sala de visitas da Casa. Alguém maquilhava uma senhora afundada no sofá. Só vi de costas. «Assim ou de frente vale o mesmo», parafraseando o Pai Américo. Veio rodeada de equipa com cenógrafo, operadores de câmara, máquinas e mais máquinas, certamente das mais sofisticadas, tudo girando à sua volta. Parece que, depois de uma vida frívola, quer mudar a imagem numa espécie de conversão, me disseram.

É de louvar e até admirar como logo aqui, neste entorno selvagem, habitado por crianças e jovens que, com muito esforço deles e paciência nossa, procuram o traçado definitivo do seu caminho na vida.

Não assisti à chegada. Celebrámos antes do pequeno-almoço, porque tinha de ir ao Bilene buscar uma carcaça inteira de vaca que nos ofereceram para alimento dos rapazes.

Combinou-se servir-lhes a refeição como a de Casa, naquele dia: uma xima de farinha de milho com caril de amendoim e couve, genuinamente moçambicana, como não comeram em lado nenhum e ao que sei gostaram muito e não mais provaram onde tiveram de pagar o serviço. Através de uma Fundação, de que fazem parte, já nos tinham enviado três mil euros.

Tudo foi encanto para eles e foram-se mais as imagens que lhes agradaram. Nós continuamos como somos.

Não há bela sem senão. O senão é o belo, belo de ver.

Outro grupo chegou no mesmo Domingo. Na bagagem microscópios cirúrgicos, anestésias, óculos de sol e tudo o mais necessário. A meta é operar às cataratas trezentas pessoas pobres.

Chegaram no Domingo de manhã, alugaram chapa na cidade e, após o almoço, partiram para o Hospital de Boane. Logo naquele dia fizeram a triagem das pessoas a atender, que o Hospital Central tinha programado de todo o Moçambique. Regressaram às dez da noite para jantar, cansadas mas bem dispostas.

São duas equipas de cirurgiões chefiadas por dois netos do Dr. Barraquer, julgado, ao tempo, o mais famoso especialista de olhos no mundo.

No ano passado operaram cento e cinquenta e foi preciso que até à hora de chegada estivesse alguém de Casa à porta dos Serviços de Saúde Provinciais à espera de autorização para trabalhar. E nem por lá apareceu alguém do Governo, nem sequer à despedida. Este ano, tão diferente! Até recém-formados em oftalmologia, na Universidade daqui, estão assistindo empenhadamente o grupo de especialistas. É claro que as instalações do Hospital de Boane são acanhadas para uma mesa de operações, quanto mais para duas. Mas aqui, com boa vontade, simplicidade e dedicação fizeram o milagre de recuperar a visão a quatrocentas pessoas.

São dez da noite. Subi ao refeitório a saudá-los. Tão contentes! Já operaram cento e oitenta. Em três dias apenas... E foram-se para um descanso breve, mas merecido, pois correm o mundo a fazer o bem. Que ricos corações! São de outro mundo. Que o nosso Deus, tão Bom para com todos, seja rico de bondade para quem assim é para os Seus filhos mais pobres. □

SINAIS

Padre Telmo

OS gaiatos na rua? Porque não. Jesus andou pelas ruas e caminhos. Um dia, passou por uma seara ondulante e falou numa sementinha de quem os grãos de trigo fizeram troça.

— Vede — disse — como se fez uma árvore e os passarinhos cantam na sua ramagem!

Escrevo de longe, de uma casa de assistência a velhinhos. Nunca tinham ouvido falar de Pai Américo, Obra da Rua nem do Calvário.

Vamos. Pode terminar o caminho e não haver mais rua. Algumas direcções do nosso Jornal já não têm rua. Ficam perdidos no chão. O chão de ninguém.

* * *

Também estão desertas as ruas da nossa Aldeia de Paço de Sousa. Não temos crianças. As que precisam de acolhimento são agarradas pelos serviços sociais e colocadas em casas de acolhimento, a troco de moeda. Criança — objecto de moeda — lucro!

Dizia o Ofício: «Recebam o menino, naquele ambiente foi levado à droga». Começámos a encher as nossas Casas com meninos da Guiné. Nem sempre temos sucesso, sabemos. Mas esforçamo-nos por imprimir no Rapaz o tom de família e o espírito de trabalho. □

MALANJE

Padre Rafael

«CUIDADO para não causar dano a nenhum destes pequeninos porque seus anjos estão contemplando o rosto de Deus...». Sempre que leio esta passagem me vem à mente aquela história que me contou um velho amigo judeu que diz algo assim:

Antes dos homens Deus criou os anjos. Seres muito parecidos com os seres humanos, mas sem coração. Ao carecer de sentimentos, a vida deles era contemplar o rosto de Deus. Assim, quando o rosto de Deus mostrava serenidade, eles dormiam; quando sorria, eles bailavam e brincavam; quando lhe caía uma lágrima, se angustiavam; e quando se irritava, o Céu parecia o inferno. Como os anjos, ao não terem coração, não eram uma imagem viva de Deus, Ele criou o homem e o resto da Criação para os seres humanos brincarem de deuses.

Assim, a vida do Senhor foi, desde aquele momento, contemplar a Sua criação e, de entre ela, os seres humanos. Seu rosto é expressão de tudo o que vai sucedendo: quando se respeitam, se amam, se solidarizam, se ajudam mutuamente. Mas também quando se odeiam, lutam, mentem ou matam. Aos anjos não lhes interessa muito a vida dos homens, lhes interessa que Deus esteja feliz para eles se sentirem felizes. De vez em quando, descem à Terra para cumprir uma missão. Dela, a que mais os agradava era socorrer aos mais pequenos porque, quando sofriam, Deus passava muito mal. Eles sabem que

podem fazer tudo para resolver problemas, menos tirar a vida ou fazer mal a um ser humano.

Alguns anjos eram tão zelosos de Deus que qualquer expressão de sofrimento, por muito pequena que fosse, encolerizava-os. E, no pior dos casos, acabavam por odiar a humanidade, por fazer sofrer Deus. O Senhor, para resolver este problema, chamou-os, introduziu-lhes um coração e mandou-os para a Terra, para que aprendessem o que é sentir com um coração próprio.

Assim começa a história para esse anjo que é lançado à Terra... começa a sentir a dor da separação quando nasce... a gritar porque se sente só... a chorar porque sente fome. Também o que significa sentir dependência dos outros quando é pequenino. Há outros sentimentos, como a alegria de partilhar quando brinca ou dá algo. E, assim, as pessoas e a própria Criação vão-lhes despertando centos de sentimentos que ele vai dominando uns ou aceitando outros... geralmente com êxito.

Contudo, um dia desperta-lhe um sentimento que escapa ao seu controlo e não o consegue dominar. Um sentimento que quer ocupar o primeiro lugar entre todos e quanto mais o querem dominar ou eliminar, com mais força se manifesta... Ele chama-se Amor.

Finalmente, só são chamados de regresso quando recuperam o seu amor pela Criação, seu amor pela Justiça e seu amor pelo ser humano. Pois reconhecer a Deus presente na Criação e nos seres humanos, é a sua missão de lutar pela Justiça. □